

## Editorial

# Revista de Morfologia Urbana: transição para um novo modo de publicação científica

Renato T. de Saboya 

Vinicius M. Netto 

Fernanda Careta Ventorim 

Editores da Revista de Morfologia Urbana



<https://doi.org/10.47235/rmu.v9i1.237>

Este número da Revista de Morfologia Urbana representa um marco importante em sua história e nos esforços dos seus editores, desde sua criação, para atingir os níveis mais altos de excelência em publicação científica. Mais especificamente, marca a transição para o modelo de publicação contínua dos artigos aceitos após a revisão por pares, sem a necessidade, portanto, de aguardar o fechamento de um volume completo para a publicação simultânea de todos os artigos que compõem uma edição. Se, por um lado, esse meio tradicional conferia uma unidade maior ao volume (considerando, por exemplo, a numeração de páginas), por outro introduzia um atraso injustificável na publicação de alguns artigos que, já aprovados, ficavam à espera de todos os outros até poderem ser divulgados. Em uma época em que os recursos tecnológicos para a disseminação do conhecimento científico permitem uma agilidade muito maior que a mídia impressa, não faz sentido manter práticas tradicionais que retardam a divulgação desses estudos. Não é por acaso que os periódicos mais importantes da área, e também de outras áreas, vêm fazendo essa transição para a publicação contínua, ou para variações desse conceito tais como o “*online first*” ou “*ahead of print*”.

Essa mudança nos permitiu também atender outra das recomendações e critérios de qualidade das bases indexadoras internacionais, como o Latindex, o *Directory of Open Access Journals* (DOAJ) e Scopus: de que as edições sejam publicadas no início do período a que se referem. Neste número fizemos essa transição, passando a data de publicação da edição para o primeiro mês do período. Como consequência, tivemos um número com menor quantidade de artigos do

que os anteriores, mas que tende a se normalizar nas próximas edições.

Por fim, uma última mudança importante teve início na presente edição da RMU: a implementação do *Crossmark*, um serviço do *Crossref*, entidade responsável pela atribuição dos *Digital Object Identifiers* (DOIs). A partir deste número, todos os artigos contam com o ícone do *Crossmark* na versão em PDF. Quando ele é clicado, os leitores são direcionados a um site que lista todas as modificações feitas no arquivo, se houver, e os redireciona para a versão mais atualizada, quando for o caso. Isso nos traz um novo nível de transparência e organização para lidar com erratas e retratações, documentando o processo e permitindo aos leitores acompanhar de forma detalhada eventuais mudanças, correções e complementações ao que foi publicado na Revista. Esse é mais um recurso possibilitado pelos atuais avanços tecnológicos e institucionais, e a Revista de Morfologia Urbana passa a adotá-lo de forma pioneira no Brasil na área de estudos urbanos.

No que diz respeito aos artigos publicados nesta edição, Marlos Hardt e Fábio Duarte estudam o potencial e a viabilidade de implantação de envelopamento vegetal em situações urbanas concretas, usando um dos eixos de corredores do transporte coletivo de Curitiba como estudo de caso, em “Envelopamento vegetal em cânions urbanos: análise da aplicação de superfícies vegetadas em edificações dos setores estruturais de Curitiba, Paraná”. Entendido como o revestimento de edificações com vegetação, o envelopamento vegetal pode ser uma alternativa interessante para auxiliar na redução de ilhas de calor e de problemas de

ofuscamento e ruídos em locais em que é difícil ou impossível implantar arborização, como costuma ser o caso dos eixos adensados e verticalizados. Por meio de levantamentos da situação existente, os autores simularam o potencial de envelopamento, mostrando qual a proporção médias das fachadas que poderia ser alterada usando essa técnica, sugerindo valores de referência para legislação específica, diferenciando entre edificações mistas residenciais e comerciais, e aquelas destinadas a serviços.

Catarina de Almeida Pinheiro nos traz, em “Detecção remota: possibilidades para uma abordagem dinâmica e integrada do ecossistema urbano”, um ensaio exploratório sobre o potencial da detecção remota (ou sensoriamento remoto) na Morfologia Urbana e no Planejamento. A maior resolução que esses dados vêm apresentando ao longo do tempo os transformaram em uma ótima opção para estudos na escala intraurbana. Aliado a isso, há outras características que lhe conferem valor destacado: a regularidade com que esses dados são coletados permite análises diacrônicas que revelam mais sobre o processo de transformação urbana, e não ficam limitados à descrição de estados em

tempos específicos. Além disso, a captura de dados espectrais em frequências que vão além do espectro visível abre uma série de novas possibilidades, tais como a considerações sobre a existência e o estado de saúde da vegetação, e geração de dados sobre aspectos microclimáticos. A autora traz exemplos dessas aplicações na pesquisa científica e aponta as limitações ainda existentes no seu uso em processos de planejamento.

Por fim, o artigo “Villas e Casas de Catálogo no sítio do Primeiro Loteamento de Pelotas-RS: relações entre tipologia arquitetônica e morfologia urbana”, de Valentina de Farias Betemps da Silva, Aline Montagna da Silveira e Franciele Fraga Pereira, faz um estudo eminentemente descritivo desses tipos arquitetônicos na cidade de Pelotas, RS. O levantamento mostra e sintetiza algumas das principais características dessas edificações, tais como a existência ou não de recuos, os tamanhos da testada e da profundidade do lote, as ruas para as quais as edificações se abrem e a proporção que já se encontra inventariada. As autoras exploram também algumas relações morfológicas entre o traçado, o tamanho e formato dos lotes e os tipos arquitetônicos resultantes, contextualizando-as no momento histórico.